

No Reino Perdido do

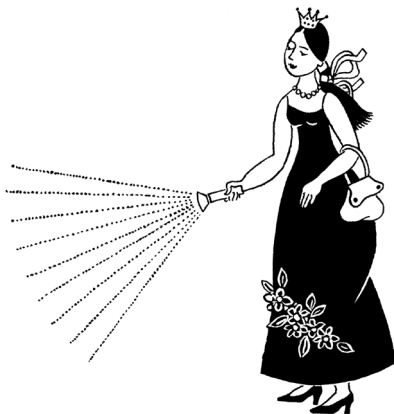
Beleléu

Maria Heloísa Penteado

No Reino Perdido do Beleléu

texto e ilustrações:

Maria Heloísa Penteado



edição revista pela autora



No Reino Perdido do Beleléu

© Maria Heloísa Penteadó, 1980

Gerente editorial	Claudia Morales
Editoras	Lenice Bueno da Silva/Lavinia Fávero
Editora assistente	Thaíse Costa Macêdo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Alessandra Miranda de Sá Bárbara Borges Cynthia Costa Mariana Albertini

ARTE

Projeto gráfico	Vinicius Rossignol Felipe
Editor	Vinicius Rossignol Felipe
Diagramador	Claudemir Camargo
Editoração eletrônica	Andrea Antunes de Carvalho (Taturana Design)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P473n
17.ed.

Penteadó, Maria Heloísa, 1919-

No Reino Perdido do Beleléu / [texto e ilustrações]

Maria Heloísa Penteadó. - 17.ed. - São Paulo : Ática, 2011.
72p. : il. - (Fuzûê)

ISBN 978-85-08-12854-9

1. Organização - Literatura infantojuvenil. 2.
Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

10-0280. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12854-9 (aluno)
ISBN 978 85 08 12855-6 (professor)
Código da obra CL 736936
CAE: 260964 - AL

2014
17ª edição
6ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1981
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

1. Sua Majestade a Rainha do Reino Perdido do Beleléu	7
2. O investigador	13
3. Nota zero para Valdomira	18
4. No Reino Perdido do Beleléu	25
5. Joaquim Orangotango	36
6. O remédio precioso	43
7. O problema de Joaquim	48
8. O saco de estopa	54
9. Tudo em ordem	59
10. Uma lembrança que foi para o Beleléu	67
<i>Será que você encontrou tudo que foi pro Beleléu?</i>	69
<i>A autora</i>	70

Sua Majestade a Rainha do Reino Perdido do Beleléu

Dizem que todas as coisas perdidas vão para o Beleléu. Não sei onde fica esse lugar, mas que ele existe, existe. Já ouvi muita gente grande, gente instruída, dizer “Foi para o Beleléu” sempre que perde alguma coisa e não acha mais.

Sei também de um garoto que foi para lá.

Chamava-se Zé Léo, e um dia sumiu de casa. Só a irmã dele, a Valdomira, não estranhou o seu sumiço.

Ele tinha mesmo que desaparecer, foi o que ela pensou. Pois tudo o que era dele não sumia? Sumiam os lápis, os livros e as lições da escola para fazer em casa. Sumiam os brinquedos e as meias (sempre um pé só), sumiam as camisas, os chinelos e mais coisas. Ia tudo para o Beleléu. Só faltava ele mesmo ir para lá.



É que o Zé Léo tinha um costume muito ruim: largava tudo por aí. Quem quisesse que guardasse. Ele não!

Quem já viu a maior bagunça do mundo viu o quarto dele. Para que serviam os armários, as estantes, as gavetas? Não sei, mas não serviam para guardar coisa alguma do Zé Léo. Se trocava de roupa, lá ficava a roupa usada esparramada no chão. Se escovava os dentes, era certo encontrar a escova jogada na pia. Quando voltava da escola, largava os livros por aí e, na hora de estudar, era aquele procura que procura.

A gente dele já estava cansada de suas perguntas, sempre as mesmas: “Onde está isso? Onde está aquilo? Você não viu...”

Pois uma noite o Zé Léo estava quase dormindo, quando ouviu um barulhinho no quarto. Abriu um olho, espiou e fez uma cara espantada.

Uma pessoinha, menor que a menorzinha das bonecas da irmã, estava lá no quarto de lanterna na mão, passeando a luz pelas paredes, pelos móveis, por tudo.

— Que desordem... Mas que desordem!... — ela dizia, com um jeito de quem estava adorando aquela confusão.



Era a voz de Maria Porunga, que vendia amendoim no portão da escola... Ela dizia “Que desordem!” do mesmo jeitinho que gritava “Amendoim torrado!”, e tinha a mesma cintura fininha da Maria Porunga.

Era ela! Só que estava pequenininha e mais bonita. Nunca Zé Léo a viu assim tão bonita, com aquele ar de gente importante. Reparou no seu vestido de todas as cores, nos seus sapatinhos verdes e... Seria possível? Maria Porunga tinha uma coroa de ouro na cabeça!



Depois de ter andado pelo quarto examinando tudo, sempre se maravilhando com a confusão, Maria Porunga, para grande susto de Zé Léo, pulou para a cama e assentou a luz da lanterna na cara dele. O menino cobriu a cabeça com o lençol.

— Ora, ora... — A mãozinha de boneca de Maria Porunga puxou o lençol com firmeza e descobriu a cara dele. — Não vai me dizer que tem medo de mim?

